

LEITURA DE POESIA: O CANTO DE AUGUSTO DOS ANJOS

POETRY READING: THE SONG OF AUGUSTO DOS ANJOS

Odalice de Castro Silva¹

RESUMO: Este trabalho pretende examinar algumas particularidades da poesia de Augusto dos Anjos (1884 – 1914), no que diz respeito à recepção de sua linguagem, de temas e de metáforas apreciados e considerados como realização poética de alto nível artístico, tanto por críticos especializados, quanto por leitores comuns, como pode ser constatado pelas sucessivas reedições de *Eu* (1912), bem como pela publicação posterior de outros poemas e da prosa, como no estudo realizado por Zenir Campos Reis (1977), de natureza crítico-filológica. Muitos leitores dizem de cor seus poemas, o que atesta o grau de afinidade com sua forma de tratar a Poesia, como um meio de comunicar-se com as pessoas comuns, e é por esse viés que este trabalho apresenta-se como uma proposta de estudo de sua poesia em sala de aula, como uma lição de vida. Vale-se este exercício de contribuições teóricas de outros leitores do poeta paraibano.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora. Leitura. Poesia. Estética.

A obsessão do próprio eu, a penetração a fundo na própria personalidade foi a constante de toda sua atividade criadora, e a consciência da morte, ou melhor, do aniquilamento absoluto era a soturna voz que lhe perpassava poema a poema. (Darci Damasceno)

Mas, nas grandes realizações da poesia, o problema permanece inteiro: como pode um homem, apesar da vida, tornar-se poeta? (Gaston Bachelard)

1 Introdução

A apreensão da Poesia parte de imagens mentais elaboradas em metáforas, para as quais concorrem os trabalhos da imaginação, da sensibilidade, da memória, do intelecto, concretizados em linguagem poética, pelo concurso da subjetividade, das escolhas de técnicas, das marcas de expressão.

O discurso crítico, como linguagem segunda, ou metalinguagem, “como diriam os lógicos”, na expressão de Roland Barthes (1977, p. 351), especialmente no que diz respeito ao ato de compreender a Poesia e os poetas em molduras historiográficas,

¹ Professora Associado III de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade Federal do Ceará. E-mail: ocastroesilva@gmail.com

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 9, p. 167-180, ago.-dez., 2011. Recebido em 30 out.; aceito em 15 dez. 2011.

trabalha com cortes, encadeamentos, lacunas, realinhamentos. Tratando-se de tendências ou mesmo de “escolas” artístico-literárias, acontecem movimentos oscilatórios do ir e vir, permanências, mudanças. Tais constatações dão margem a um intratexto elaborado em esquemas mais descritivos que especulativos, na tentativa de prender/enquadrar, em determinado discurso, um ou outro fazedor de poemas e de ficções.

O objetivo de tal discurso seria reapresentar, em traços sumário-decisivos, pela linguagem, em sua cota máxima de denotação, se possível, lutas que se transformaram em memória poética, as quais, da parte dos leitores, quando as conhecem, parecem-lhes registros da verdade dos poetas. Mas, tão-só?

O espaço da leitura de Poesia realiza as vivências das duas linguagens: com a linguagem poética, para ensinar os poetas-pensadores, por exemplo; com a linguagem crítica, para por em questão os discursos totalizantes de tendências e movimentos da arte literária, dos manifestos e programas, muitas vezes porta-vozes de “escolas” que se diluíram com o tempo, sobretudo, para destacar a criação de uma fala problematizadora da relação do poema com seus leitores, eruditos ou não.

2 Algumas afinidades com a tradição literária

Algumas práticas conhecidas e objeto de tristeza e de decepção por parte dos leitores de Poesia relacionam-na a alguma coisa separada da vida, mais ligada a recursos retóricos (ou vazios, sem função real), à ênfase declamatória, dissociada do causal, do comum, da rotina, do dia a dia, das situações que preenchem os nossos dias, do que chamamos a realidade de cada um de nós.

Por esta ótica, a Poesia, marcada pelo signo da artificialidade, no mau sentido da palavra, bem longe de uma compreensão da natureza primordial da Estética, existe numa espécie de distância, no inatingível, longe das pessoas comuns, reservada a um punhado de escolhidos que dela podem usufruir como eleitos capazes de entendê-la, reservada para o repertório de alguns fazedores de versos, os quais teriam uma vida à parte, ao pleno usufruto de uma operação só deles merecida.

Uma drástica separação entre Poesia e Vida tem contribuído para um distanciamento mortal, efetivando-se no descrédito de quem escreve, por *Revista Literatura em Debate*, v. 5, n. 9, p. 167-180, ago.-dez., 2011. Recebido em 30 out.; aceito em 15 dez. 2011.

desnecessário à sociedade, e no desprezo dos que não são alcançados por um dom que não lhes fala aos sonhos, aos desejos, aos planos, ou às frustrações, às decepções, aos medos, às contingências do cotidiano.

Antes de ser entendida, a Poesia deve ser sentida. E ela é sentida através de um jogo que busca ouvir as ressonâncias arcanas, as raízes dos elementos do jogo: as palavras que os poetas tiram do uso comum para devolvê-las, agora reenergizadas, porque, por alguns momentos, os da escrita e os da leitura, elas voltaram às fontes de onde e de quando foram criadas, para que, revigoradas, retornassem ao uso compartilhado, ao uso comum.

No jogo das crianças, encontramos as brincadeiras de esconde-esconde. Este é o espaço-tempo no qual se inventam máscaras e disfarces, desenham-se personagens, inventam-se histórias e tramas para temas da vida e da morte. Neste jogo, nascem as figurações. Com elas, os poetas escondem e mostram a verossimilhança possível/impossível das metáforas. Tais associações pretendem revelar similitudes entre extremos impossíveis de se transferirem qualidades ou substâncias que, segundo José Paulo Paes, em “Para uma pedagogia da metáfora”, podem ser entendidas como chaves para os mistérios guardados nos jogos de linguagem da Poesia (1997, p. 13).

O canto de Augusto Carvalho Rodrigues dos Anjos (1884 – 1914) situa-se entre algumas das mais estranhas e difíceis realizações poéticas em Língua Portuguesa. Este introito teve em mente situar o poeta como um fazedor de ficções em versos, elaborados com extrema consciência do tempo, do espaço e do contexto literário que lhe foram dados viver e para criar os poemas enfeixados na primeira pessoa: *Eu*.

Dois anos antes da morte do poeta, são publicados os poemas que, apenas aparentemente, alheiam-se do momento histórico dividido entre o século XIX, que deixava raízes marcantes em vários planos, como resultado de mudanças operadas nas ciências que começavam a se sistematizar, e de expansões que se alastravam pelo mundo, advindas, nos planos social, econômico e político, ainda de fins do século XVIII, ou seja, os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade ressentiam-se de que povos continuassem a cercear os direitos humanos através da escravatura, por exemplo, ou a negar o formato republicano de governo, mantendo sistemas de benefícios e transferências hereditárias de poder, e os inícios do século XX, cujas primeiras décadas ainda cantavam as conquistas que vinham de longe.

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 9, p. 167-180, ago.-dez., 2011. Recebido em 30 out.; aceito em 15 dez. 2011.

Augusto dos Anjos sofreu estas duas pressões: as que provinham de um discurso eivado de promessas racionalistas e de outras que anunciavam reivindicações profundas em todos os setores da vida, tanto em instâncias públicas, quanto na reserva do comportamento privado. As convenções sofriam abalos que ressoavam entre as paredes da casa, ou melhor, as ideias brandidas lá fora faziam vibrar antigos conceitos e antigos hábitos.

Enquanto duravam os anos produtivos, de 1900 a 1914, Augusto dos Anjos produziu poemas e textos em prosa, cuja linguagem atesta uma convivência com diferentes tendências, das quais recebia influxos, como das correntes que receberam as denominações de Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, esta última dividida entre “indisputados”, Cruz e Sousa, Pereira da Silva, Alphonsus de Guimaraens e Emiliano Pernetá, e “penumbristas”, Mário Pederneiras e Gonzaga Duque. O Neoparnasianismo rotulava Hermes Fontes, Amadeu Amaral, Luis Carlos e José Albano (HOUAISS, 1960, p. 7).

Quanto a Augusto dos Anjos:

O fato é que, classificado durante certo período como simbolista, associando-se seu nome, via de regra, ao de Cruz e Sousa, os teóricos, subsequentemente, principiaram a impugnar o critério, soltando-o no ar, fazendo-o só, *Eu* e mais ninguém – quando, em tratamento mais judicioso, não há como deixar de reconhecer-lhe a cabida dentro do simbolismo – tomado esse movimento como oposto ao realismo-naturalismo – parnasianismo (Idem, *Ibidem*, p. 8).

3 No coração da Poesia: a voz soturna

Desde o poema de abertura, “Monólogo de uma Sombra”, Augusto dos Anjos apresenta seu projeto poético, no entender de Antônio Houaiss, dividido em três partes, compreendidas como uma aplicação de uma face simbolista de sua linguagem:

1) de prioridade para a Arte, fonte única talvez de sua alegria; 2) de pessimismo essencial; 3) de incerteza materialista e de dúvida científica. Se, nesse poema, o motivo central, nodal, é o da dor, que só se supera pela alegria da Arte, os motivos colaterais, os temas, são muitos – que aparecerão não raro isoladamente, como motivos nodais, em muitos dos seus poemas menores (Id., *Ib.*, p. 14).

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 9, p. 167-180, ago.-dez., 2011. Recebido em 30 out.; aceito em 15 dez. 2011.

Os versos famosos que abrem o programa poético apresentam a “Sombra” em primeira pessoa, através de vinte e oito estrofes em sextilhas, completando-se com as três últimas, nas quais a voz-interlocutora expressa seus sentimentos e juízos após as inquietantes formas sonoras que feriram seus ouvidos: “Sou uma Sombra! Venho de outras eras,/ Do cosmopolitismo das moneras...” (ANJOS, 1977, p. 57).

Os versos de Augusto dos Anjos não podem ser arguidos por contextos outros que não ouçam as palavras forjadas por um momento que proporcionou determinada operação poética. É como se cobrássemos do poeta o linguajar do leitor comum do século XXI. A poesia opera ilações com duplo movimento: não mais apenas com aquelas relativas ao momento do poeta, mas, agora, encorpadas pelo momento histórico dos leitores, o poema é lançado numa rede de signos, em ramificações cujos elos alcançam outros ritmos, outros saberes, outras linguagens.

Mas, uma dessas ramificações lança gavinhas ao movimento que, praticamente, repartiu antigos e modernos e que recebe até hoje o nome de Romantismo, o que atendeu a ânsia de libertação formal requerida pela mudança dos tempos. É sobretudo este movimento, em versão cultivada por Augusto dos Anjos em muitos de seus poemas, os quais representavam o coração do poeta, que encontramos em “Vandalismo”, de 1904.

Meu coração tem catedrais imensas,
Templos de priscas e longínquas datas,
Onde um nome de amor, em serenatas,
Canta a aleluia virginal das crenças.

Na ogiva fúlgida e nas colunatas
Vertem lustrais irradiações intensas
Cintilações de lâmpadas suspensas,
E as ametistas e os florões e as pratas.

Como os velhos Templários medievais,
Entrei um dia nessas catedrais
E nesses templos claros e risonhos...

Erguendo os gládios e brandindo as hastas,
No desespero dos iconoclastas
Quebrei a Imagem dos meus próprios sonhos!

As ideias que deram origem aos movimentos do Romantismo partiram de núcleos de flutuação, os quais, desidentificados com tipificações idealizadas, por diferentes processos, vindos de diferentes origens, inglesas, alemãs, francesas, do *Revista Literatura em Debate*, v. 5, n. 9, p. 167-180, ago.-dez., 2011. Recebido em 30 out.; aceito em 15 dez. 2011.

fundo de antigas civilizações, buscavam expressões verossímeis, razoáveis, expressões para realidades existenciais e culturais que tratassem do humano. O imaginário, expressão de sonhos, de desejos, não apenas de grupos ou de confrarias elitizadas, mas do homem, ganhou forma e falou ao coração das pessoas comuns.

O soneto tem o gosto classicizante dos parnasianos, mas as imagens sabem à rebeldia dos românticos. Os quatorze versos trazem a cadência dos decassílabos ritmados em movimento temático de tensão e de ansiedade, para figurarem a “Imagem” do Eu que pode ter a face da descoberta do mundo.

Os símbolos elevam-se em imagens de visibilidade quase figurativa: catedrais, templos, ogivas, colunatas, lustrais, lâmpadas, ametistas, florões, pratos, para a construção da metáfora coração-catedrais. No segundo movimento, desenvolvido nos dois últimos tercetos, o eu-poético, fazendo-se um vândalo, compara-se ao guardião da fé, agora cético e desiludido, através de imagens dos templários, gládios, hastas, iconoclastas.

No primeiro verso da primeira estrofe, “coração”, no último do segundo terceto, “sonhos”, são imagens que se correspondem: no primeiro, as ilusões e as esperanças, nos últimos, o desespero e o ódio de ter alimentado esperanças.

“Vandalismo” foi escrito noutra estilo, foi concebido no auge da decisão de escrever poesia, ainda que escrito numa linguagem de imagens claras e até iluminadas por significantes como fúlgida, irradiações, cintilações, lâmpadas, claros, risonhos; já não havia crença na vida, apenas o gesto de quem foi traído, fazendo-se suicida, destruindo as ilusões da mocidade. Augusto dos Anjos tinha apenas vinte anos quando escreveu este soneto.

A luminosidade das catedrais é vandalizada pela desilusão precoce, num processo de autoconhecimento que afasta este soneto das visões noturnas do desespero da vida e da morte, esta última sempre tematizada pela degenerescência da matéria, traduzida pelo medo e pelo horror do desaparecimento nas entranhas do pó da terra, sofrendo o aniquilamento gradual de célula por célula.

As imagens atozes da doença, do apodrecimento, da devoração larvar, são reiterativas e motivos associados obsedantes de quem escreveu poemas como “Solilóquio de um Visionário” (1909), “O Lupanar” (1909), “Psicologia de um vencido” (1909), “Solitário” (1905), “Os doentes” (1912), entre outros, nos quais

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 9, p. 167-180, ago.-dez., 2011. Recebido em 30 out.; aceito em 15 dez. 2011.

Augusto dos Anjos não deixou ao leitor senão o desespero de temas que o perseguiram e que o atormentaram durante os anos em que produziu poesia.

“Vandalismo” parece que destoa de constantes como as que marcam os títulos dos poemas citados acima e associam este poema a uma imagem onírica, a da morte dos sonhos, perpetrada por um Templário medieval enganado em seus votos.

A primeira estrofe compõe a metáfora primordial: “coração” figura a crença e a fé na esperança, na alegria e na felicidade. O poeta não usa um verbo de ligação, mas finge, através do verbo “ter”, que o coração não é como “catedrais imensas”, mas que ele as possui dentro de si, o que intensifica, por interiorização, a impossibilidade absoluta da comparação. Como catedrais-templos, datados de eras “priscas e longínquas”, recuam para tempos imemoriais.

Zenir Campos Reis (1977, p. 129) em nota (de nº 341), apresenta para “um nome de amor”, no terceiro verso, ainda da primeira estrofe, a variante “um nome de amor”, o que altera a leitura da imagem. “Nume” significa uma entidade associada aos cupidos, guardiães da sedução, do apaixonamento, do fervor amoroso. “Nome” de amor esvazia a figura representada por alguém que “canta” a descoberta da fé em seu nascedouro, imaculada, perfeita, sem manchas de dúvida.

O deus do amor entoava louvores a si mesmo, alimenta-se dos sentimentos de confiança no objeto de seu afeto.

A segunda estrofe compreende quatro versos descritivos muito ao gosto dos parnasianos, na forma com que apresentam as minúcias e os detalhes necessários para que o leitor veja o segundo elemento – as catedrais – templos – por dentro. As palavras fazem faiscar os brilhos, a claridade, as luzes, as lapidações das ametistas e dos metais, elementos que despertam no leitor uma imagem de alegria, de sol, na artificialidade de sua riqueza e brilho. O colorido e as luzes fazem do que está dentro do coração (catedral – templo) um conjunto harmonioso de promessas muito próprias dos vinte anos do poeta, se o soneto tivesse apenas oito versos e duas estrofes.

Entretanto, Augusto dos Anjos não usou a adversativa, embora a terceira estrofe pudesse, através da contrariedade dessa conjunção, já antecipar o que será deflagrado: comparando-se agora ao terceiro elemento, os “Templários medievais”, o eu invade o interior de suas entranhas e as despedaça, malgrado serem os “templos claros e risonhos”, “a Imagem dos [meus] próprios sonhos.” Embora palavras não

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 9, p. 167-180, ago.-dez., 2011. Recebido em 30 out.; aceito em 15 dez. 2011.

sejam figuras, as palavras podem construir, a partir delas e com elas, tramas, sugeridas pelas frases, orações e períodos elaborados pela linguagem dos poetas e tirá-las da relação significante-significado, para levá-las a outras dimensões, aquelas elaboradas entre as significações e os sentidos, ou seja, para as dimensões que já pertencem ao leitor.

Desta etapa em diante, é o que procuraremos fazer com a leitura de “Vandalismo” como um evento, para usar uma categoria de Alfredo Bosi (1988, p. 275), colocando o poema como um achado especial e diferente dentro da produção poética de Augusto dos Anjos, lançando o soneto numa busca de seus começos, quando cada palavra aparecia para a Poesia como ela era, acabada de nascer. Elas foram artificializadas pelo poeta, para que permanecessem, como acontece até hoje, até o momento em que descobrimos “Vandalismo”, ou quando o relemos mais uma vez. Sentimos “Vandalismo” como um gesto iconoclasta, sentimos o desespero dos vândalos de si mesmos, para reencontrar as ligações da Poesia com a vida.

O adjetivo “velhos”, que associa “Templários medievais” a uma idade provecta, de sabedoria e de domínio de si, de emoções e de sentimentos, reconfigura certa identificação entre o “eu” amoroso e jovial e o iconoclasta, não a um jovem, mas a experimentados defensores da fé, de seus dogmas e, sobretudo, dos lugares sagrados.

O gesto do iconoclasta não representa apenas uma “quebra”, aqui substantivando o verbo que abre a quarta estrofe, mas o gesto herético e blasfemo de profanação de sagrados segredos e mistérios da comunhão do eu com o imponderável (“Imagem dos meus próprios sonhos”), a matéria vandalizada pelo rebelde, “no desespero” dos que não encontram mais sentido no canto, nas serenatas, nas aleluias das crenças.

“Vandalismo”, nos inícios da escrita de Augusto dos Anjos, revela uma experiência de descoberta: daí em diante, o Poeta sabe de uma vez por todas quem ele é, no que se tornará, até fechar os olhos, em 1912.

Para Jorge Luis Borges (1889 – 1986), em “Credo de um Poeta”, ensaio-conferência que faz parte das Norton Lectures, de 10 de abril de 1968, “embora a vida de uma pessoa seja composta de milhares e milhares de momentos e dias, esses muitos instantes e esses muitos dias podem ser reduzidos a um único: o momento em que a pessoa sabe quem é, quando se vê diante de si.” (2000, p. 105)

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 9, p. 167-180, ago.-dez., 2011. Recebido em 30 out.; aceito em 15 dez. 2011.

Embora os momentos e os dias de Augusto dos Anjos possam-se contar nos limites de trinta anos de vida, mas de em torno de quinze anos de escrita de si para os outros, os quais se olham e até podem ver ângulos de si, nestas figurações, podemos afirmar que sua linguagem expressa essa descoberta irreduzível, essa revelação da condição humana?

Antonio Houaiss afirma, examinando a Poesia de Augusto dos Anjos dentro das propostas científicas de seu tempo e que, por afinidade e opção, acolheu como direcionamento especulativo para sua relação consigo mesmo, com os outros, a sociedade dos homens, a partir da figura de seu pai, obsessivamente motivo de suas tramas poéticas, que ele foi um poeta-filosofante (Op. cit. p. 9).

Sua poesia, conforme Houaiss (Idem), sofre a inclinação natural de um espírito inquieto:

O fato de ser ostensivamente um ateu – pelo menos em sua poesia – não exclui, por isso mesmo, de Augusto dos Anjos uma dolorosa visão solidária com os seres e as coisas, embora lhe permita, na direção desesperada das perguntas que propôs ao seu materialismo, crer que o mal preside à vida e que esta é, sobretudo, um caminho para a morte. Visão pessimista, está claro, mas que eticamente, é acompanhada de uma sentida confraternidade com os homens.

A “visão solidária” e a “confraternidade” presentes no âmago do processo de construção de sentidos da parte dos leitores conferem à poesia de Augusto dos Anjos um grau de afinidade poucas vezes alcançado pela poesia no Brasil. Não obstante o pessimismo que ressuma de seus poemas, eles falam tão de perto aos leitores que, sentindo a voz dolorosa do eu-poético, projetada em imagens estranhas, mas ao mesmo tempo familiares, acontece o que Longino defende em seu *Tratado do Sublime*. Os leitores entram em tal sintonia e simpatia por aquelas imagens corajosas, mas verdadeiras, sobretudo honestas, que se sentem coparticipantes, no momento da leitura, daquele momento em que elas foram operadas pela linguagem poética.

A operação da linguagem reenvia os leitores para o instante em que as imagens mentais (vivas e transformadas, imaginadas, quase sempre), do turbilhão em que se chocam, ganham a forma poética: são feitas, tornam-se obra, para retornar à raiz da palavra.

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 9, p. 167-180, ago.-dez., 2011. Recebido em 30 out.; aceito em 15 dez. 2011.

Os elementos de identificação da poesia de Augusto dos Anjos começam com a escolha do título com o qual enfeixou os poemas publicados em vida.

Augusto dos Anjos expôs-se corajosamente, não se escondeu por trás de imagens neutras; este fator atrai de imediato o leitor e este, de pronto, encontra-se na força de exposição da primeira pessoa, ao recolher as dores, as frustrações, os desejos, as decepções, a vontade de compreensão do outro, apesar da vida.

As imagens oníricas de sua poesia, dada a um realismo tal que ultrapassa o lugar comum de representação fiel da realidade de seu íntimo, por sabê-lo, Augusto dos Anjos, absolutamente impossível, a não ser por simulacro ou fraude, o que ele não faria nem consigo mesmo, nem a seus leitores, às imagens oníricas tomavam o lugar descrições de gosto geométrico, como que esquadrinhadas a régua e esquadro, muito medido e como convinha aos parnasianos classicizantes, para construir com as faces indesejáveis dos interditos e não-ditos da vida um prisma banhado pelas sombras de outro século que começava.

Não podemos esquecer que, no ano da morte de Augusto dos Anjos, para a História deflagram-se acontecimentos que vão verdadeiramente marcar a virada para outro século.

Diria que, entre as décadas em que Augusto dos Anjos viveu, e foram apenas três, ele sofreu os impactos de diferentes registros linguísticos, de diferentes modos de ler a tradição poética, das ideias que alteravam os esquemas de compreensão do funcionamento do corpo humano, da mente humana, das maneiras de representar, em linguagem poética, o presente tão passageiro no qual viveu o tumulto de tantas vibrações que acudiam à sua mente.

Viveu e produziu como um romântico, no tumulto de tão pouco tempo produtivo. Parnasianos e simbolistas negaram-lhe uma filiação poética. Augusto dos Anjos, porém, afirma sua linguagem entre pólos de equilíbrio de expressão, como ângulos de necessidades essenciais do humano: traçou um projeto de poesia e o desenvolveu, arrastando para dentro dele heranças de leituras que o mantém no interesse de leitores e de estudiosos, atraídos pelo mistério de ter sabido cruzar as estéticas que se projetam em seus poemas, estéticas fortalecidas pelos leitores e por jovens poetas.

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 9, p. 167-180, ago.-dez., 2011. Recebido em 30 out.; aceito em 15 dez. 2011.

4 O poeta e seus leitores

Augusto dos Anjos não entregou aos leitores uma mensagem didaticamente esquematizada para ser aplicada em parte alguma, em lugar nenhum. Quando o leitor descobre, através dos folhos que recobrem seus poemas, aquela “voz soturna”, eles são jogados contra a parede e, aí sim, começa o confronto difícil, feito de negativas.

Não seria mais simples se ele tivesse escrito “eu não”! Mas, não. A provocação aos leitores deve ser acompanhada, por sobressaltos, através dos círculos de uma babel mais herética do que a do Livro Sagrado. A causa não é a negação do Criador, mas uma desesperada inquirição para dentro do que se chama EU.

Augusto dos Anjos escreveu de dentro de tendências da Arte que, em gestos arriscados, antecipavam formas de representar a vida já como exasperações do que conhecemos como formas estéticas românticas ou simbolistas. A pintura europeia deformava os alinhamentos do desenho e provocava algumas soluções que serão chamadas de expressionistas.

Estas observações partem de estudos, tanto de Otto Maria Carpeaux (1968), quanto de Anatol Rosenfeld (1969), destacados por João Alexandre Barbosa (1977, p. 18-19), em análise para a pesquisa de Zenir Campos Reis (Id.).

Na citada análise, João Alexandre Barbosa utiliza as categorias, entre outras, “negatividade”, “forma”, “história”, com o objetivo de enfatizar a renovação formal, a única que garante a continuidade da Arte, “conceitos pensados em permanente estado de tensão”, para trazer de volta, isto, “re-visar”, a postura formal de Augusto dos Anjos, na dinâmica do sistema literário e não apenas do Brasil, para que, através de sua poesia, os leitores participem de uma história literária viva:

Afirmar a prevalência da forma, no que se refere aos textos artísticos, significa, desde já, assumir os riscos de uma compreensão não acomodatória de sua qualidade histórica. Por isso mesmo, a história literária de que estamos falando (ou imaginando) é antes interessada na historicidade do texto, isto é, na forma assumida pela história ao articular-se textualmente do que na história (cronológica) da forma desarticulada pela existência dos numerosos textos (1977, p. 18).

Reinscrito, através de sua “voz soturna”, entre os que redinamizam a história literária pelo diálogo dos textos, nos quais pode ler uma memória das formas

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 9, p. 167-180, ago.-dez., 2011. Recebido em 30 out.; aceito em 15 dez. 2011.

romântico-expressionistas e, através desse gesto, ao modo de T. S. Eliot, de Jorge Luis Borges, entre outros, lê-se, de articulação em articulação, a história dos criadores de formas artísticas. Isso pode significar um despertar para que os estudantes se interessem pelo projeto de construção de uma história viva para as formas da Arte: linguagens, com especificidades próprias, interligadas pelos leitores, através de “horizontes de expectativas” que expressem suas relações com o mundo, com o mundo das formas artísticas, com diferentes formas de olhar, ver e ler uma obra de arte.

Entre 1900 e 1914, na muito feliz expressão de Anatol Rosenfeld, uma “costela de prata”, isto é, a linguagem poética de Augusto dos Anjos, insinuando-se no “corpo” do sistema literário brasileiro, chega ao Rio de Janeiro, onde viveu por pouco tempo, como uma tradição nordestina das Letras no Brasil, oriunda de nomes importantes na inteligência brasileira no século XIX.

Segundo João Alexandre Barbosa, Augusto dos Anjos “não foi lido pelos modernistas de 22 que nele viam a marca excessiva e laudatória dos diluidores neoparnasianos” (Op. cit., p. 19). Conforme Otto Maria Carpeaux, a quem, juntamente com críticos argutos e sensíveis como Anatol Rosenfeld, a diferença da poesia de Augusto dos Anjos foi lida nos recursos formais da historicidade:

Em 1912, o livro do provinciano ficou despercebido. Em 1920, em pleno neoparnasianismo, a obra alcançou êxito fulminante, logo interrompido pelo modernismo. Os modernistas não quiseram ouvir falar do ‘neoparnasiano’ Augusto dos Anjos; os acadêmicos ainda rejeitaram o ‘simbolista’ Augusto dos Anjos. (Op. cit. p. 20).

Rejeitado por representantes dos “canais legitimadores” de vários “ismos”, Augusto dos Anjos tem a seu favor não a tolerância das instituições de seu tempo e das décadas que se seguiram, mas podemos afirmar que a “costela de prata” que reaprumou as formas poéticas no Brasil recebeu mérito de seu “público, que o leu, e lê, desbragadamente” (Op. cit. p. 20), o mesmo público que concorre para reinseri-lo na “história de nossas formas literárias” (Id., Ib.).

O leitor comum, este que é responsável por dezenas de edições dos poemas e da prosa de Augusto dos Anjos, não faz nenhuma questão de “enquadrá-lo” em “ismo” algum, mas reconhece, nos versos de “Vandalismo” e de tantos poemas de *Eu*, aproximações e afinidades com ideias e formas caras, tanto aos românticos, quanto aos

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 9, p. 167-180, ago.-dez., 2011. Recebido em 30 out.; aceito em 15 dez. 2011.

expressionistas de qualquer momento da História da Arte, especialmente aqueles em que as formas ganham outras figurações para expressar as inquietações e angústias da condição humana.

Para usar, ao concluir este exercício, uma categoria analisada por João Alexandre Barbosa (e uma homenagem à sua inteligência e amor aos livros), Augusto dos Anjos não cabe no “intervalo”, sua poesia se movimenta como os signos, em muitas dimensões e direções.

ABSTRACT: This work intends to examine some particularities of the poetry of Augusto dos Anjos (1884-1914), in which concerns to the reception of his language, of appreciated themes and metaphors and considered as a realization of poetry in a high artistic level, by specialized critics and common readers, as can be found by the successive reissues of *Eu* (1912), as well by the posterior publication of other poems and prose, as given in the study performed by Zenir Campos Reis (1977), in a critical-philosophical manner. Many readers say his poems by heart, which proves the level of affinity with his way of treating Poetry, as a way of communicate with other common people and that is the path this work intends to present, as a project of reading his poetry in the classroom, as a lesson of life. This present exercise uses theoretical contributions given by other readers of the poet.

KEYWORDS: Metaphor. Reading. Poetry. Esthetic.

Referências

ANJOS, Augusto dos. *Eu, Outras Poesias, Poemas Esquecidos, Poemas Dispersos, Prosa Dispersa, Poemas Apócrifos*. Edição Crítico-filológica organizada por CAMPOS REIS, Zenir. *Augusto dos Anjos: poesia e prosa*. São Paulo: Ática, 1977.

BARBOSA, João Alexandre. “Re-visando Augusto dos Anjos”. In: REIS, Zenir Campos. *Augusto dos Anjos: Poesia e Prosa*. São Paulo: Ática, 1977.

BORGES, Jorge Luis. “O Credo de um Poeta”. In: *Esse ofício do Verso*. (Org.) MIHAILESCU, Colin-Andrei. Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

BOSI, Alfredo. “A interpretação da obra Literária”. In: _____. *Céu, Inferno*. Ensaios de Crítica Literária e Ideologia. São Paulo: Ática, 1988.

CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1968.

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 9, p. 167-180, ago.-dez., 2011. Recebido em 30 out.; aceito em 15 dez. 2011.

HOUAISS, Antonio. *Augusto dos Anjos. Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

PAES, José Paulo. “Para uma pedagogia da Metáfora”. In: _____. *Os perigos da poesia e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

REIS, Zenir Campos. *Augusto dos Anjos: Poesia e Prosa*. São Paulo: Ática, 1997.